

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA FRAGA DOS CORVOS (VILAR DO MONTE, MACEDO DE CAVALEIROS): A CAMPANHA 11 (2013)

JOÃO CARLOS SENNA-MARTINEZ¹

E ELSA LUÍS²

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo diz respeito aos trabalhos arqueológicos desenvolvidos durante o mês de Agosto de 2013 no sítio arqueológico da Fraga dos Corvos (Fig.1 – Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros) sintetizando o respectivo relatório.

Na Campanha 11 (2013) foram continuados os

trabalhos nos Sectores A e M (a decorrer desde 2003 e 2011, respectivamente).

A intervenção neste sítio arqueológico foi, tal como nos anos anteriores, logisticamente apoiada pela Associação Terras Quentes (Macedo de Cavaleiros) no âmbito do protocolo por este assinado com o Centro de Arqueologia (Uniarq) da Universidade de Lisboa e a Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros.

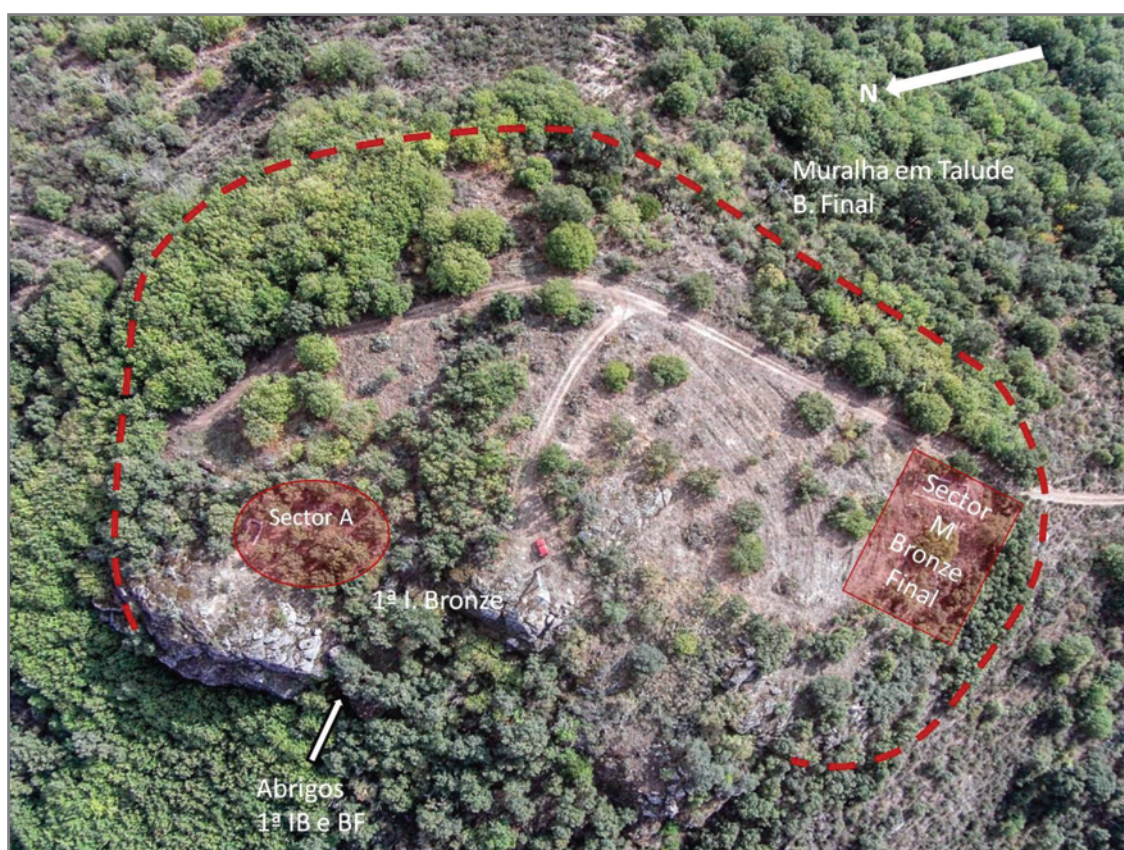


Fig. 1 - Vista aérea do sítio da Fraga dos Corvos tirada com drone DJI PHANTOM2 VISION+ em Setembro de 2014 após limpeza de matos. Indicam-se as principais áreas intervencionadas.

1. Centro de Arqueologia (Uniarq) da Universidade de Lisboa. 1600-214 LISBOA. smartinez@fl.ul.pt

2. Bolseira de Doutoramento. Centro de Arqueologia (Uniarq) da Universidade de Lisboa. 1600-214 LIS-BOA. elsavluis@gmail.com

2 ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

A Fraga dos Corvos é um esporão rochoso situado na vertente noroeste da Serra de Bornes, freguesia de Vilar do Monte, concelho de Macedo de Cavaleiros, distrito de Bragança. As suas coordenadas são 99 122,194 de Longitude e 203 403,721 de Latitude GAUSS, a 870,856m de Altitude.

O cabeço possui domínio visual sobre a quase totalidade da bacia de Macedo de Cavaleiros nomeadamente sobre os solos férteis da mesma e, ainda, sobre as portelas tradicionais de trânsito em direcção a nordeste e noroeste (Abreiro, Carrapatas e Vale Benfeito), célebres pelos depósitos de alabardas aí encontrados (Bártolo, 1959).

O seu substrato é constituído, maioritariamente, por rochas metamórficas xistosas, com alguns filões de quartzo e grauvaque, conhecidas pela acidez que fornecem aos solos, reduzindo assim a possibilidade de preservação de matéria orgânica no registo arqueológico. Na região existem alguns afloramentos de talcoxisto, matéria-prima utilizada no sítio arqueológico para elaboração de artefactos de excepção. A região apresenta também algumas jazidas de minério que poderão ter abastecido a metalurgia incipiente do povoado, sobretudo no que diz respeito ao estanho de aluvião, obtido com facilidade. Por outro lado, o cobre é bastante raro, apresentando-se fundamentalmente sob a forma de gossams com carbonatos e óxidos derivados de sulfuretos que, pela sua tonalidade esverdeada e brilhante, terão facilmente sido reconhecíveis para as comunidades pré-históricas.

Trata-se ainda de uma região com abundantes recursos hídricos numa complexa rede de afluentes dos rios Sabor e Azibo e de várias ribeiras. Na vertente noroeste da Serra de Bornes, limitando o cabeço a poente e nascente destacam-se os vales relativamente profundos de duas pequenas ribeiras, respectivamente a de Vale de Nogueira e a Ribeirinha, constituindo as duas fontes mais próximas de água para o sítio arqueológico.

As espécies vegetais naturais desta região são, maioritariamente, o *Quercus pyrenaica wild* (carvalho negral) e *Quercus ilex L. ssp. Rotundifolia* (Lam.) (azinheira). Numa aproximação paleoambiental realizada a partir de carvões recuperados em vários sítios arqueológicos regionais, foram identificadas distintas espécies vegetais. Entre estas, contam-se elementos vegetais com características do clima mediterrânico, como o sobreiro, a azinheira, o carvalho cerquinho, o zimbro e o medronheiro e também tí-

picas de clima atlântico, como o carvalho alvarinho, o pinheiro bravo e ainda vegetação frequente em zonas de vale ou margens de cursos de água, como o freixo, o amieiro, o salgueiro e a avelera (Figueiral e Sanches, 1998-1999).

3 A ESCAVAÇÃO

3.1. Calendário

A Campanha de 2013 decorreu entre os dias 18 e 30 de Agosto compreendendo 11 dias úteis de trabalho de campo.

3.2. Equipa

Os trabalhos foram co-dirigidos pelos dois autores deste artigo, apoiados por uma equipa em regime voluntário, composta pelos seguintes elementos:

- Alejandro Martínez (aluno da U. Vigo)
- Ana Luísa Marques dos Santos Seara Pires (aluna de Arq^a da FLUL)
- Catarina Pinto Fernandes (aluna de Arq^a da FLUL)
- Filipe Miguel Trindade Rocha Carvalho Coelho (aluno de Arq^a da FLUL)
- Yago Terroba Souto (Lic. Arq. U. Complutense de Madrid)
- Luís Brito Câmara (aluno de Arq^a da FLUL)
- Telma Susana de Oliveira Ribeiro (aluna de Arq^a da FLUL).

3.3. Logística

Tal como em campanhas anteriores, o alojamento, a alimentação, os transportes e o equipamento de campo foram assegurados pela Associação de Defesa do Património Arqueológico do Concelho de Macedo de Cavaleiros “TERRAS QUENTES”, com apoio financeiro da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros.

O espólio será provisoriamente depositado nas instalações do Centro de Arqueologia (Uniarq) da Universidade de Lisboa, sendo, após estudo, devolvido às instalações da Associação Terras Quentes, Macedo de Cavaleiros, para depósito definitivo no *Museu de Arqueologia* em instalação.

3.4. Metodologia

O método de escavação que tem vindo a ser utilizado neste sítio arqueológico cumpre as premissas de *open area*, tal como preconizadas por Barker e Harris. Foram, no entanto, introduzidas algumas adaptações, nomeadamente no que concerne ao alargamento progressivo das áreas intervencionadas e à localização tridimensional dos artefactos considerados relevantes (fragmentos cerâmicos com forma identificável, objectos metálicos, restos faunísticos, etc.).

Às realidades observadas (UEs) – sedimentares, estruturais e negativas (cortes, buracos, fossas...) suficientemente homogéneas para serem individualizadas, foram atribuídos números de identificação, na continuidade das campanhas anteriores mas sem qualquer valor sequencial. As unidades estratigráficas, naturais e antrópicas, foram removidas na ordem inversa à sua deposição. No caso do sector M, a numeração quer das UEs quer dos registos individuais de artefactos começa no número 10000, para evitar repetições com números já atribuídos no Sector A. Todas as unidades estratigráficas são alvo de registo individual – fotografia, planta, ficha descritiva, onde consta toda a informação relativa a cada U.E. individualizada e às relações que estabelece com as outras. A informação estratigráfica é, posteriormente, interpretada e representada em plantas sincrónicas e em diagramas de faseamento.

No final dos trabalhos, os dois sectores foram cobertos com manta geotêxtil e terras de crivagem.

Uma parte dos materiais arqueológicos exumados ficou à guarda da Associação Terras Quentes, nas suas instalações em Macedo de Cavaleiros; aqueles necessários para estudo do sítio foram trazidos para Lisboa, estando provisoriamente nas instalações da UNIARQ (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

4 RESUMO DOS RESULTADOS ANTERIORES

4.1. Sector A

O habitat da 1ª Idade do Bronze (Bronze Médio) da Fraga dos Corvos foi descoberto em 2003 em resultado de trabalhos de desmatização que o puseram em perigo e que justificaram uma primeira intervenção (Senna-Martinez, Ventura & Carvalho, 2004).

O espaço em que tem vindo a ser possível iden-

tificar níveis e estruturas correspondentes a esta etapa de ocupação constitui uma plataforma em declive suave, correspondente à parte noroeste do topo do cabeço, enquadrada a ocidente pela escarpa e a oriente por afloramentos que a separam do estradão que atravessa o “Monte do Vilar”, formando a área que designámos como Sector A (Fig.1).

No final da nona campanha (2011), o Sector A apresentava já uma área total aberta de 137m², dos quais 36m² correspondem à Sondagem 3, escavada entre 2003 e 2005 (Senna-Martinez, *et al.* 2010), enquanto 101m² correspondem à Sondagem 2 em continuidade de intervenção desde 2003. As evidências recuperadas configuram parte de um habitat evidenciando restos de diversas estruturas, incluindo 18 cabanas sub-circulares ou elipsoidais, distribuídas por 6 a 7 fases de ocupação.

As cabanas identificadas, pertencentes às três primeiras fases, apresentam diferentes diâmetros, podendo ser agrupadas em 2 grandes conjuntos. O primeiro (Cabanas 2, 3, 7, 8, 9, 10 e 12) apresenta cerca de três metros de diâmetro, sendo as cabanas delimitadas por 13 a 14 buracos de poste perimetrais e um central, de maior diâmetro; o segundo engloba as de tipo elipsoidal (Cabanas 4 e 5), portanto maiores, como é o caso da Cabana 4, com eixos de 4m por 3,2m, delimitada por 20 buracos de poste perimetrais, apresentando também um central, equivalente aos das demais cabanas, e o da Cabana 5, aparentemente a maior de todas, com eixos que poderão ter atingido 4,6m por 4,3m e limitada por 21 buracos de poste perimetrais e seis interiores, apenas foi totalmente definida na campanha de 2006.

Nas fases quatro a sete – correspondentes aos estratos U.Es. [287, 151, 467/623 e 627], além de estruturas negativas que os cortam e respectivos preenchimentos – embora se tenham reconhecido buracos de poste e fossas/lareiras que se detectam a partir das suas interfaces superiores, estes não permitem definir plantas de algo que se possa designar como “cabana”. Nas duas últimas fases, a utilização de pedra para estruturar lareiras e buracos de poste (formando calços) configura uma sequência estratigráfica mais complexa.

De particular importância resulta a confirmação de que o espaço original de estabelecimento, instalado directamente sobre o substrato rochoso, parece ter sido cuidadosamente limitado por dois “muros” de pedra vã empilhada, separando a área habitada respectivamente: (1) a W o muro U.E. [624] interpondo-se em relação às fragas que limitam desse

lado o espaço ocupável e provavelmente permitindo conter e desviar para a vertente N águas de origem pluvial; (2) a N o muro U.E. [679] define um soalco na vertente constituindo o limite entre as U.Es. [151] e [157]. Os factos de: (1) a U.E. [151] recobrir parcialmente este muro e assentar directamente sobre os xistos desagregados do substrato; (2) enquanto a vala de fundação do muro U.E. [624] é definida a partir da interface superior da U.E. [627] (ou seja, a edificação desta estrutura foi elaborada num momento em que este piso já se encontrava colocado) permitem associar a construção destas estruturas aos momentos iniciais de estabelecimento no local.

No final da intervenção de 2011 ficava ainda por esclarecer a sequência estratigráfica do topo N da área da Sondagem 2, ou seja a sul do muro U.E. [679]. Tal só foi possível em 2012.

A questão central era a das relações entre as U.Es. [151] e [157] uma vez que, ao longo do que viemos a verificar ser o topo da U.E. [679], não era clara uma interface de contacto entre ambas uma vez que aí a espessura da U.E. [151] era muito diminuta. Foi esta uma das razões por que, juntamente com a necessidade de abordarmos esta área numa frente larga, desde 2004 mantivéramos esta área sob reserva, para a escavarmos apenas quando a área a S do muro U.E. [679] estivesse clarificada, o que apenas se verificou em 2011.

Assim é claro que para S da U.E. [679] se encontra a U.E. [582], ou seja, apenas a desagregação do substrato geológico, enquanto para N pudemos confirmar a presença uma sequência estratigráfica pelo menos em parte claramente antrópica.

Em primeiro lugar, a U.E. [157] – delimitada a S pelo “muro” U.E. [679] e a N por um outro murete de contenção de terras, já identificado em 2004 como a U.E. [50] – é afectada por uma raiz de castanheiro que destruiu parcialmente esta unidade numa área de cerca de 2 m² (quadrados O/P/14 – U.Es. [645/646]).

A U.E. [157] foi integralmente escavada, revelando uma nova camada, a U.E. [651], em cuja interface superior se abre uma fossa de grandes dimensões U.E. [652/653] apoiada no murete [679].

Sob esta camada surge novo estrato, a U.E. [678] a partir de cuja interface superior se define a vala de construção – U.E. [683] – do muro U.E. [50].

Sob a U.E. [678] surge novo estrato – U.E. [685] – igualmente afectado pela vala de construção do muro [50].

Sob a U.E. [685] detectou-se nova camada – U.E.

[686] – cuja escavação não foi concluída tendo sido apenas desenhada a planta da sua interface superior.

O estudo, em curso, dos materiais dos estratos [157, 651, 678, 684, 685] sugere uma reinterpretação do conjunto de buracos de poste que, atravessando a U.E. [157], configuram o que designámos de “Cabana 1”. As terras que sobrepunham a U.E. 157 apresentavam baixa consistência (incluindo evidências de erosão superficial) e uma fraca potência, que não ultrapassava os 5cm desaparecendo nos quadrados 14/L/I. Pensámos inicialmente tratar-se da U.E. [109] que se apresentava mais compacta e preservada no que viemos a verificar ser a área a S do muro U.E. [679]. Dado que apenas a partir de 2011 foi claro o papel estruturador do espaço desempenhado por esta última estrutura, só então foi possível por em questão tal atribuição estratigráfica. Estamos em crer agora que estas terras podem provir de níveis conservados a S do muro e que a erosão arrastou vertente abaixo e que passaremos a designar U.E. [687].

A análise em curso, incluindo a revisão de materiais recuperados em 2003/2004, dos fragmentos cerâmicos provenientes desta sequência de estratos veio revelar que um fragmento de bordo de uma “taça Cogeces” (FCORV-A 5) recolhido em 2003 na U.E. [687], cola com outro (FCORV-A 755) proveniente da interface entre as U.Es. [151/152], pelo que a própria lei da gravidade implica a forte possibilidade de ser o primeiro que se encontra deslocado. Acresce que, respectivamente das U.Es. [157] e [651], provêm dois outros fragmentos (respectivamente FCORV-A 3335 e 3892) que podem pertencer à mesma peça. Configura-se, assim, uma longa história de escorrências que parecem ter incorporado em época já avançada, a ter em conta os materiais metálicos do Bronze Final ou mesmo já Idade do Ferro, os sedimentos depositados a N do muro U.E. [679].

O facto do muro U.E. [679] se configurar cada vez mais como o revestimento de uma escarpa do afloramento de base coloca-nos a questão de não podermos saber, pelo menos no estado actual da intervenção, se a sua construção precede o estabelecimento mais antigo ou se representa uma alteração na configuração do espaço em momento posterior, eventualmente do Bronze Final/Idade do Ferro.

4.2. Sector M

Como já foi enunciado nos relatórios de 2011 e 2012, a Sondagem 1 deste Sector foi implantada na

plataforma artificial definida pela muralha em talude no seu topo S com o objectivo de caracterizar o povoamento associado a essa mesma estrutura, a sua cronologia e a sua relação com o Sector A.

O primeiro objectivo da campanha de 2011 pauteou-se pelo diagnóstico da potência estratigráfica conservada, através da delimitação de duas áreas fisicamente independentes (uma sobranceira à muralha propriamente dita, e uma outra mais a N) posteriormente integradas numa sondagem em área com o total de 13m no sentido S-N por 5m no sentido E-W.

As unidades estratigráficas identificadas em 2011 e 2012, positivas e negativas, podem agrupar-se em quatro grandes “fases”:

- (1) *Unidades estratigráficas resultantes de remeximentos recentes* – Manta morta, entulhos superficiais, valas de reflorestação (anos 50 e 60 do séc. XX) e respectivos enchimentos. A sua escavação veio por à vista três realidades sobrepostas que se escalonam de N para S devido aos remeximentos recentes se apresentarem seguindo o declive da plataforma.
- (2) *Ocupação superior* – Solos de habitat parcialmente conservados [U.Es. 10011, 10073, 10076] cortados por estruturas negativas (fossas e buracos de poste). Conservaram-se apenas na metade N da área total aberta.
- (3) *Ocupação intermédia* – Definida em 2011/12 como constituída aparentemente por uma única U.E. [10026=10032] que ocupa toda a área S da Sondagem 1 até, pelo menos, ao limite N da vala [U.E. 10029]. É composta por blocos pétreos sobretudo de pequena e média dimensão numa matriz argilo-arenosa esbranquiçada e muito compacta, quase uma brecha, com muito pouco material arqueológico.
- (4) *Ocupação inferior* – Camada muito escura [U.E. 10043] detectada no extremo S da sondagem sob a U.E. [10026=10032] e já parcialmente escavada em 2012. Revela uma quantidade importante de materiais arqueológicos nomeadamente fauna bem preservada e algum metal.

O estudo preliminar dos materiais cerâmicos e metálicos descobertos em 2011/2012 permite enquadrar as ocupações preservadas da Sondagem 1 do Sector M nos momentos finais da Idade do Bronze integrando já, eventualmente, elementos de transição para a Idade do Ferro (Senna-Martinez, 2013a; Reprezas, 2013).

A importância estratégica do Sector M prende-se exactamente com a possibilidade de compreensão do Bronze Final e, nomeadamente, desta fase transicional, muito obscuros no panorama regional.

5 RESULTADOS DA CAMPANHA DE 2013

5.1. Sector A

5.1.1. Estratigrafia

A campanha de 2013 foi muito curta, 11 dias úteis de campo, com apenas 3 pessoas (a área a escavar não permitia a mobilidade de mais).

Foi escavada a U.E. identificada na campanha anterior, [686], à qual se redefiniram os seus limites (retirados pequenos restos do enchimento da vala [683] junto a vários buracos de raiz e de tocas).

5.1.2. Resultados globais

O topo da camada [686] na área N (Fig.2) apresentou algumas dificuldades na sua definição devido às perturbações de raízes e à natureza da U.E. que a corta – vala [683] de construção do muro [50] – preenchida por terras castanhas pouco compactas com limites irregulares e afectadas por raízes – U.E. [684].

A U.E. [686] é uma camada muito espessa e muito compacta mas muito irregular. Dela provém uma grande quantidade de materiais arqueológicos, sobretudo cerâmicos mas também alguns metais e líticos (156 registos fora fragmentos cerâmicos avulsos).

Numa observação superficial, os materiais assemelham-se aos já identificados com cronologia Bronze Final/Idade do Ferro neste sítio arqueológico (nomeadamente no Sector M), sobretudo atendendo aos artefactos metálicos – uma agulha e a alguns bordos de recipientes cerâmicos. Mas uma análise detalhada futura poderá esclarecer melhor a natureza da ocupação desta área.

Além destes foi identificado um fragmento decorado com espiga incisa, motivo este já documentado na ocupação da plataforma superior do sector A, datada do Bronze Médio. No entanto, este, de pequeno tamanho e de arestas roladas, encontrava-se junto a raízes de castanheiro, não sendo, portanto, relacionável com os restantes materiais recuperados.

Atendendo a estes materiais e ao facto de esta camada ser cortada pela vala de construção do muro

[50], pode concluir-se que esta estrutura foi elaborada e utilizada já em ambientes de Bronze Final/Ferro.

Devido a constrangimentos de tempo ficou no terreno o que cremos ser uma pequena parte desta camada por escavar. Abaixo desta unidade entre-vêm-se já duas realidades aparentemente distintas

– uma camada amarelada, com bastante cascalho, aparentemente pouco compacta e, no limite N, uma concentração pétrea que poderá já ser o afloramento geológico. Numa próxima campanha pretendemos terminar a escavação da U.E. [686] e definir estas novas realidades.

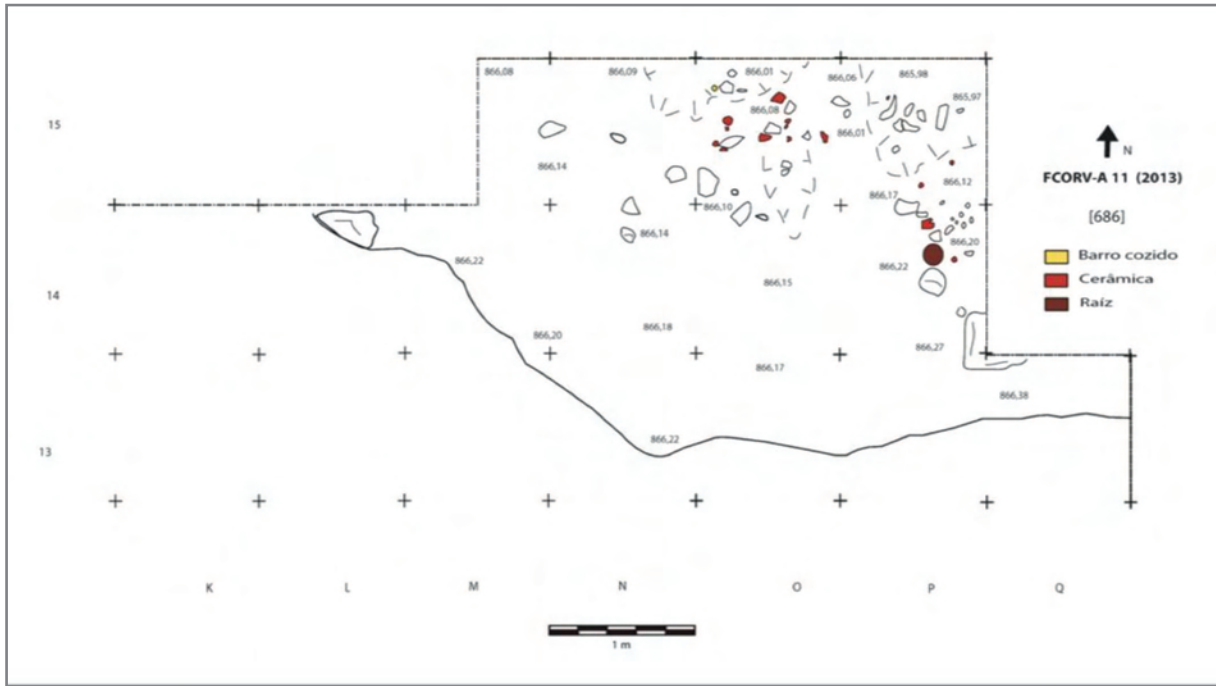


Fig. 2 – Planta da interface superior da UE [686].

5.2. Sector M

5.2.1. Estratigrafia

U.E.	Descrição	Sobre	Sob	Corta	Enche
10026= =10032	Vasta e espessa camada composta maioritariamente por blocos pétreos em matriz de terras compactas esbranquiçadas muito compactas.	10043, 10078, 10084, 10090, 10093,	10003, 10010, 10013		
10043	Terras muito escuras, compactas, com muitos restos osteológicos (faunas).	10090= =10097 ,10091, 10092, 10094, 10098	10015, 10026		

10076	Terras castanhas compactas (Piso?).	10082, 10087, 10089, 10093, 10096, 10099, 10100	10073		
10082	Terras castanhas, muito compactas (Piso?).		10076		
10083	Chapa de barro cozido	10082	10076		
10084	Terras castanhas escuras acinzentadas, queimadas e compactadas, com diminutos carvões, nódulos de argila cozida e termoclastos	1043	10026		
10085	Limite (fossa?) de área perturbada por raízes de uma árvore			10076, 10082	
10086	Terras cinzentas-acastanhadas, soltas.				10085,
10087	Terras castanhas		10076		
10088	Fossa			10082	
10089	Terras castanho-escuras		10076		10088
10090= =10097	Estrutura de lajes de xisto de grande e média dimensão com um dormente de mó manual colocado em posição funcional no topo		10043, 10094		
10091	Estrutura de lajes de xisto imbricadas		10043		
10092= =10094	Camada		10043		
10093	Estrutura (de contenção?)		10076, 10082		
10095	Buraco (de poste?)		10096	10082	
10096	Enchimento de buraco (de poste?)		10076		10095
10098	Estrutura de lajes de xisto imbricadas		10043		
10099	Chapa de barro cozido	10082	10076		

5.2.2. Resultados Globais

Ficou praticamente concluída a escavação da U.E. [10026 = 10032]. Apenas falta parte do seu topo N e restos localizados noutras áreas.

No topo S da U.E. [10026 = 10032] entre esta e a U.E. [10043] surgiu uma camada pouco espessa, de terras argilo-arenosas muito compactas, com

zonas apresentando rubefacção e integrando frequentes nódulos de argila cozida, diminutas palhetas de carvão e termoclastos – U.E. [10084] – além de frequente pedra miúda e alguma de médias dimensões (Figs.3 e 4). Estes dados sugerem fortemente a existência de uma área sujeita a temperaturas elevadas, como que queimada. Forneceu um conjunto importante de materiais que englobam, além de ce-



Fig.4 – Interface superior da U.E. [10084] vista de W-E.



Fig.5 – Agulha (FCORV-M 11463) in situ na U.E. [10084].

A U.E. [10082] apresenta-se com a interface superior bem definida (piso?) muito regular e aplanada, em ligeiro declive de N para S (Figs. 6 e 7). Apresenta ainda duas áreas com vestígios de fogo formando chapas em que as argilas cozeram – U.Es. [10099 e 10083]. As características já identificadas

da U.E. [10082] fazem crer estarmos em presença de novo solo de ocupação semelhante aos que se lhe sobrepõem – U.Es. [10011, 10073, 10076]. Estas novas realidades deverão ser escavadas em próxima campanha.



Fig.7 – Interface superior da U.E. [10082] limitada pela U.E. [10093], vistas de N-S.

A escavação da U.E. [10043] nas duas últimas filas de quadrícula a S, iniciada em 2012 e terminada em 2013, revelou sob ela a interface superior da U.E. [10092 = 10094], uma nova camada de coloração cinzenta clara. A qual não foi ainda escavada, aguardando a escavação total da [10043]. Foram

ainda postas parcialmente à vista três estruturas pétreas (Fig.9): as U.Es. [10091, 10098 e 10090=10097] que aparentam prolongar-se respectivamente, as duas primeiras para S do limite S da área aberta e a terceira para E do respectivo limite.



Fig.8 – Faquinha em ferro (FCORV-M 11513) in situ na U.E. [10082].

A caracterização das duas primeiras, constituídas por pedras de xisto de médias e grandes dimensões imbricadas entre si de N para S, aliada à sua proximidade em elevação e planta levantam a questão de estas poderem ser uma só realidade (razão porque

optámos por representá-las na mesma planta) correspondendo eventualmente à parte superior do revestimento da muralha em talude. Só o prolongamento para S da área intervencionada permitirá futuramente esclarecer esta questão.



Fig.9 – As interfaces superiores das U.Es. [10090,10091, 10092 e 10098] no final da campanha 11 (2013).

A terceira estrutura – U.E. [10090=10097] – começou, quando iniciámos o desmonte da U.E. [10043] nesta área, por aparentar ser constituída apenas por um dormente de mó manual em granito (FCORV-M 11470) em posição funcional sobre pedra de xisto de pequena e média dimensão. Tal podia configurar uma área de moagem associada à U.E. [10043] pelo que atribuímos ao conjunto o número de U.E. [10090] e fizemos fotografia e uma planta de controlo antes de recolher o dormente. O prosseguimento dos trabalhos veio mostrar que o

conjunto constituía o topo de uma estrutura maior de que era indiferenciável, a não ser por cota, sita sob a U.E. [10043] e formada por pedras de xisto predominantemente de médias e grandes dimensões. Dado que o talude se encontra aqui a pouca distância do ângulo SE da área aberta e aqui este curva de uma orientação WE para SN, é possível que estejamos aqui também perante parte do respectivo revestimento o que só o prolongamento para E da área intervencionada permitirá futuramente esclarecer.

Apesar das restrições de tempo e pessoal atrás descritas, a campanha de 2013 permitiu resolver diversas questões de estratigrafia, em ambos os sectores intervencionados, além de ter produzido outros dados de grande interesse para a caracterização das ocupações detectadas no Sector M.

No Sector A, concluída já a escavação da área com ocupações do Bronze Médio, de que uma parte significativa dos dados integrará a tese de Doutoramento de Elsa Luís, falta concluir a intervenção no ambiente N de modo a melhor compreender a ocupação deste espaço nos momentos posteriores à Primeira Idade do Bronze.

De facto, a melhor compreensão da ocupação da Fraga dos Corvos durante o Bronze Final e inícios da Idade do Ferro apresenta-se como o grande desafio para as próximas intervenções com o esforço principal definitivamente dirigido para as realidades detectadas e a detectar no Sector M e, eventualmente, noutras áreas a escolher.

Não obstante as dificuldades financeiras e, conseqüentemente, de tempo útil de escavação encarradas nos últimos três anos, os dados já produzidos sobre as ocupações deste arqueossítio são a todos os títulos notáveis e resultaram num elevado número de publicações (cerca de 40 títulos, incluindo uma tese de doutoramento e duas de mestrado), com 10 títulos publicados só em 2013 entre revistas – internacionais e nacionais, sendo 2 *peer-reviewed* – capítulos de livros e actas de congressos (vide referências bibliográficas).

A compra da propriedade do sítio pela Associação Terras Quentes, que desde o início apoia logisticamente os trabalhos, possibilitou encarar em 2014 uma acção de limpeza geral, com corte acima de raízes de arbustivas e herbáceas, que permitiu uma completa visão do espaço, ficando a faltar a elaboração de um levantamento topográfico mais detalhado que detalhe o espaço limitado pela muralha em talude (cerca de 1 hectare) que parece envolver o habitat na sua máxima extensão aparente durante as suas últimas ocupações.

- ARAÚJO, M. F.; SILVA, R.J.C.; SENNA-MARTINEZ, J.C.; VALÉRIO, P.; FIGUEIREDO, E. e SOARES, A.M. (2013) – Investigação em Arqueometalurgia em Portugal resultados recentes e perspectivas futuras de uma equipa multidisciplinar. *Al-Madan*. Centro de Arqueologia de Almada. S.II. 17 (2), p.69-78.
- BÁRTHOLO, M.L (1959.) – Alabardas da época do bronze no Museu Regional de Bragança”. In: *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa. Instituto de Alta Cultura, Vol. I, p.431-39.
- GOMES, S.S.; FIGUEIREDO, E.; ARAÚJO, M.F.; LOPES, F. e SENNA-MARTINEZ, J.C. (2013) – Isotopic Lead Characterization of Archaeological Bronzes from Fraga dos Corvos (N Portugal). *International Journal of Conservation Science*. 4 (Special Issue), p.661-672.
- FIGUEIRAL, I.; SANCHES, M.J. (1998-1999) – A contribuição da antracologia no estudo dos recursos florestais de Trás-os-Montes e Alto Douro durante a Pré-história Recente. In: *Portugália Nova Série*, XIX-XX, p71-95.
- LOPES, F.; SILVA, R.J.C.; FIGUEIREDO, E.; ARAÚJO, M.F.; REPRESAS, J.; LUÍS, E. and SENNA-MARTINEZ, J.C. (2013) – A microstructural characterization of some Late Bronze Age metals from Fraga dos Corvos site: fibula, pendants, riveted sheet and droplet. *Microscopy and Microanalysis*. 19-S4, p.141-142.
- LUÍS, E.; REPRESAS, J. e MENDES, C. (2013) – A actividade arqueológica no Concelho de Macedo de Cavaleiros: uma retrospectiva do século XX. *Cadernos Terras Quentes*. Macedo de Cavaleiros. Câmara Municipal. 10, p.61-74.
- REPRESAS, J. (2013) – Existe uma “I Idade do Ferro” em Trás-os-Montes Oriental? O exemplo da Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros). *Cadernos Terras Quentes*. Macedo de Cavaleiros. Câmara Municipal. 10, p.123-128.
- REPRESAS, J.; SENNA-MARTINEZ, J.C. e LUÍS, E. (2013) – Resultados Preliminares da Campanha 10 (2012) do Sítio da Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros) – Os Sectores A e M. *Cadernos Terras Quentes*. Macedo de Cavaleiros. Câmara Municipal. 10, p.75-87.
- SENNAMARTINEZ, J.C. (2013a) – Aspectos do Centro-Norte do Ocidente Peninsular no Final da Idade do Bronze: Povoamento, Metalurgia e Sociedade. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. Câmara Municipal. 20, p.
- SENNAMARTINEZ, J.C. (2013b) – Um rio na(s) rota(s) do estanho: O Tejo entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro. Vila Franca de Xira. Câmara Municipal de V. Franca de Xira. *CIRA Arqueologia*. 2, p.7-18.
- SENNAMARTINEZ, J.C. (2013c) – Metals, Technique and Society. The Iberian Peninsula between the first Peasant Societies with Metallurgy and the “Urban Revolution”. M.F. GUERRA and I. TISSOT, Eds. *A Ourivesaria Pré-Histórica do Ocidente Peninsular Atlântico. Compreender para Preservar*. Lisboa. Projecto AuCORRE. p.11-20.
- SENNAMARTINEZ, J. C.; LUÍS, E.; ARAÚJO, M. F.; SILVA, R.; FIGUEIREDO, E. and VALÉRIO, P. (2011) – First Bronzes of North-West Iberia: the data from Fraga dos

- Corvos Habitat Site. MARTINS, Carla B.; BETTENCOURT, Ana M.S.; MARTINS, José Inácio F.P. and CARVALHO, Jorge (eds.) *Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental/ Settlement and Mining in the Atlantic Western Europe. Proceedings of the First International Congress, Braga, 10th December of 2010*. Braga: CITCEM, APEQ, p.377-390.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; LUÍS, E.; REPRESAS, J.; LOPES, F.; FIGUEIREDO, E.; ARAÚJO, M.F. and SILVA, R.J.C. (2013) – Os Machados Bujões/Barcelos e as Origens da Metalurgia do Bronze na Fachada Atlântica Peninsular. J.M. Arnaud, A. Martins and C. Neves, *Eds. Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Lisbon. Associação dos Arqueólogos Portugueses, p.599-600.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; VENTURA, J. M. Q. e CARVALHO, H. A. (2004) – A Fraga dos Corvos: Um Caso de Arqueologia e Património em Macedo de Cavaleiros. *CADERNOS “Terras Quentes”*. Macedo de Cavaleiros. Edições ATQ/CMMC. 1, p.32-58.
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q.; CARVALHO, H. A.; ARAÚJO, M. F.; FIGUEIREDO, E. e VALÉRIO, P. (2010) – “Melting the Power” – The Foundry Area of Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros, North-Eastern Portugal). A. M. S. BETTENCOURT, M. J. SANCHES, L. B. ALVES e R. FÁBREGAS VALCARCE (*Eds.*) *Conceptualising Space and Place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Palaeolithic to the Iron Age in Europe*. BAR International Series 2058. Oxford. Archaeopress. p.111-117.